

# MOTIVAÇÃO DO SIGNO E ANTIPOESIA EM AUGUSTO DOS ANJOS: A MUSICAL EXPRESSÃO DO DESCONFORTO EXISTENCIAL

SIGN MOTIVATION AND ANTI-POETRY IN AUGUSTO DOS ANJOS: A  
MUSICAL EXPRESSION OF EXISTENTIAL DISCOMFORT

Marcelo Marinho<sup>1</sup>  
Madalena de Oliveira<sup>2</sup>  
Daiane Samara Wildner<sup>3</sup>

**RESUMO:** Com o intuito de fornecer subsídios aos professores para a leitura crítica de poemas em sala de aula, o presente estudo centra-se na análise estilística de aspectos da musicalidade expressiva na “antipoesia” de Augusto dos Anjos. No conjunto de uma obra poética em que os principais temas flertam com a figura da morte e colocam em relevo o processo de decomposição física dos seres vivos, o poema “A um mascarado” serve-se de técnicas musicais de escrita que demonstram a motivação do signo, pelo menos no âmbito da linguagem finamente manejada por esse autor que abraça diversas correntes literárias. Em sala de aula, a leitura desse poema permite levar o jovem aprendiz à fruição do prazer de decodificar enigmas e explorar os limites intangíveis da linguagem, no que se refere à expressividade estética da variante brasileira da língua portuguesa. O presente estudo retoma, aprofunda e ilustra ideias propostas nos principais artigos críticos sobre a obra poética de Augusto dos Anjos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Augusto dos Anjos; signo motivado; antipoesia e vanguardas.

## 1 Considerações iniciais

Augusto dos Anjos (1884-1914) vive sua breve existência numa época intensamente marcada por grandes descobertas científicas e invenções tecnológicas, convulsões sociais e reformulações estéticas. Sua obra traz os vincos do tempo: em 1912, numa confluência de vários estilos e tendências, **Eu e outras poesias** publica-se com características que prenunciam o futuro modernismo brasileiro, enquanto traz igualmente a presença de elementos do cientificismo, do evolucionismo e do monismo que estruturam a vida intelectual na virada do século. Assim, a poesia de Augusto carrega em si mesma a essência das mais díspares tendências, dos mais difluentes estilos, provocando uma tensão fortemente expressiva – sobretudo por meio de sua

---

<sup>1</sup> Marcelo Marinho: Doutor em Literatura Comparada pela Sorbonne (Paris), docente do Mestrado em Literatura Comparada da URI.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Letras da URI.

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Letras da URI.

*Revista Literatura em Debate*, v. 5, n. 9, p. 155-166, ago.-dez., 2011. Recebido em 18 out.; aceito em 19 dez. 2011.

notória musicalidade, que explora os desvãos do signo que alguns desejam arbitrário, por comodidade intelectual: de fato, como abordar, cientificamente, uma eventual motivação do signo amplamente estreada sobre manifestações culturais, as eventuais relações entre a materialidade sonora das palavras e as características dos entes por elas representados? Como equacionar, em termos de poesia, uma questão discutida por Platão (428/427 – 348/347 a.C.) em seu **Crátilo**? Com esses temas em linha de visada, propõe-se abaixo uma inédita abordagem de corte estilístico para o poema “A um mascarado”, com o objetivo de fornecer subsídios aos professores de literatura e de língua portuguesa, para uma eficaz leitura desse poema em sala de aula. Em outros termos, a presente leitura desconstrói o poema para ilustrar, com exemplos exaustivos e de forma pragmática, as ideias propostas por conceituados críticos brasileiros.

## **2 O desencanto da existência: palavras, sombras, abismos**

Os poemas de Augusto de Anjos revelam uma visão pessimista e angustiada da vida, marcando-se por temas de natureza científica e filosófica, conforme bem relembra Paulo Porto (2000). Essa peculiar visão do mundo e essa prospecção dos abismos da existência humana encontram no materialismo, no monismo e no evolucionismo os conceitos apropriados para a expressão da angústia e do desconforto existenciais. Assim, o pessimismo e uma visão materialista e perplexa da vida manifestam-se como impressões recorrentes nos tons sombrios e lúgubres em sua poesia. A morte assume-se como termo final da existência e dissolve toda expectativa de conforto lenitivo em qualquer eventual esfera de vida espiritual. O abismo existencial da vida meramente material espelha-se na decomposição física dos corpos em putrefação, razão pela qual Augusto dos Anjos, por antonomásia, torna-se imortal precisamente sob a alcunha de “Poeta da Morte”. Contudo, Nara Rubert (2007) retoma certos conceitos desenvolvidos por Lucia Helena (1977) e sustenta que, para além de uma simples “obsessão pelo escatológico, pelo horrendo e pelo putrefato”, as imagens da morte representam pontos de articulação nessa obra poética, tornando-se “imagens constitutivas” e “linhas de força” de uma poesia com ampla visão cosmogônica.

Por outro lado, em sua introdução às Obras Completas de Augusto dos Anjos, Alexei Bueno (1994) apresenta a recorrência da figura da morte como uma manifestação do pessimismo diante do inexorável ciclo de permanente criação e *Revista Literatura em Debate*, v. 5, n. 9, p. 155-166, ago.-dez., 2011. Recebido em 18 out.; aceito em 19 dez. 2011.

destruição que rege o universo, tragando em seus sombrios abismos os frágeis devaneios e esforços dos seres humanos. Os poemas articulam semanticamente palavras precisas e certeiras que abrem espaço para a mais precisa e certa manifestação da impotência humana diante do universo: a vã esperança de sobreviver à morte.

Nessa perspectiva, a opção pelo materialismo em detrimento do espiritualismo, o soneto rigoroso pela metrificação, o pensamento profundamente pessimista, o distanciamento entre sujeito e seu objeto revelam-se como características parnasianas nessa obra poética; por outro lado, decorre da estética simbolista a opção pelo vocabulário raro e erudito, pela imagem hermética, pelas reticências e exclamações, pelo profundo mal-estar e certas associações de ideias. Destarte, a obra de Augusto dos Anjos é avessa a classificações estanques quanto a estilos e correntes literárias. Como salienta Nara Rubert (2007), é possível encontrar nessa poesia até os evidentes prenúncios da estética modernista do Século XX, tais como vocábulos e imagens apoéticos, uma nítida dessacralização do jargão literário, a ruptura com o lirismo sentimental – aos quais se acrescenta uma musicalidade também prenunciadora de Bartok, Villa-Lobos e Schönberg, por exemplo, ou mesmo daquele Tropicalismo que vai vicejar seis décadas mais tarde. Lúcia Sá analisa as complexas características dessa poesia nos seguintes termos:

A ambivalência formal é outra característica [...] de boa parte da obra de Augusto dos Anjos. Aqui, a forma rígida, aliada à grandeza do tema metafísico (vida/morte), cria no leitor a expectativa de um gênero tradicional (o soneto metafísico) – expectativa que é brutalmente rompida pelas imagens, que do ponto de vista da convenção a que o poeta estava submetido, são descaradamente antipoéticas. (SÁ, 2007, p.33).

Assim, a poesia de Augusto dos Anjos é pré-modernista no sentido próprio do prefixo “pré”, ou seja, essa poesia antecipa características que serão marcantes no Modernismo. Em Augusto, ademais, a palavra espreita as mais nebulosas áreas da linguagem para expressar um profundo desencanto diante dos abismos insondáveis da existência humana.

### **3 A condição imanente do ser humano: o ciclo do carbono**

As teorias evolucionistas do Século XIX fornecem a Augusto dos Anjos o material poético que conduz à emergência de uma cosmovisão em forte consonância com o pessimismo: a vida concebe-se como resultado mecânico de uma combinação de moléculas aleatórias e átomos de carbono, enquanto o ser humano torna-se não mais que um patamar transitório na escala da evolução da vida terrestre, a qual abrange dos mais simples micro-organismos a plantas e animais de maior complexidade orgânica. Por esse viés, pode-se dizer que essa poesia busca sua constituição intelectual e seus signos linguísticos na filosofia e na ciência evolucionista que marcaram a passagem do Século XIX ao Século XX. Veja-se, desde já, o poema que nos ocupa no presente estudo:

### A UM MASCARADO

Rasga essa máscara ótima de seda  
E atira-a à arca ancestral dos palimpsestos...  
É noite, e, à noite, a escândalos e incestos  
É natural que o instinto humano aceda!

Sem que te arranquem da garganta queda  
A interjeição danada dos protestos,  
Hás de engolir, igual a um porco, os restos  
Duma comida horrivelmente azeda!

A sucessão de hebdômadás medonhas  
Reduzirá os mundos que tu sonhas  
Ao microcosmos do ovo primitivo...

E tu mesmo, após a árdua e atra refrega,  
Terás somente uma vontade cega  
E uma tendência obscura de ser vivo!

Esse poema tematiza a finitude do corpo físico, composto de matéria orgânica perecível, irremediavelmente condenado à defunção e à decomposição lenta e gradativa. Sem poder sequer recorrer “a interjeição danada dos protestos”, o ser humano é fadado a se decompor em si mesmo (por meio dos micro-organismos que traz em sua constituição), a “engolir” por dissolução implosiva a sua própria matéria decomposta, “os restos // duma comida horrivelmente azeda”. O poema recomenda que se tome consciência de que a “máscara ótima de seda” é não mais que a elegante e enganadora embalagem, invólucro que encerra uma matéria em permanente estado de degenerescência, cujo termo final é a redução regressiva ao “microcosmos do ovo

primitivo”, ao próprio átomo de carbono que dá origem à vida e ao qual todo organismo vivo retorna após sua completa decomposição.

Assim, esse poema apresenta a estrutura cíclica da existência biológica, o próprio ciclo da vida e da morte: os seres humanos provêm do pó orgânico e a ele retornam. Toda essa atmosfera de melancolia e angústia, na qual o poema submerge o leitor, é também uma inovação estética incorporada ao poema, ilustrando um mundo degradado, no qual a vida é, sem remissão possível, fadada à degenerescência e a decadência – tanto física quanto moral. O resultado desse aspecto da existência humana materializa-se em angústia, tensão emotiva e insolúveis questionamentos sobre o destino da humanidade. Na dispersa vida dos seres humanos, o ponto de encontro é a morte. Nessa poesia, segundo relembra Lucia Sá (2007), vida e morte não se contrapõem, apresentam-se antes como partes mutuamente intercomplementares: a matéria em decomposição é o alimento que vai nutrir um subseqüente corpo vivo, e assim por diante, num ciclo marcado pelo eterno retorno. Assim, o título “A um mascarado” sugere a ideia de que todos os seres humanos portamos máscaras que obliteram e sonegam nossos mais obscuros segredos a respeito de nós mesmos. Nessa perspectiva, o “mascarado” do título corresponde também ao próprio leitor, esse humano enigma de si próprio.

No poema em tela, observa-se o frequente uso de vocábulos de natureza erudita ou científica: “palimpsestos” (“papiro ou pergaminho cujo texto primitivo foi raspado, para dar lugar a outro”, segundo Houaiss), “microcosmos” (“mundo pequeno, mundo em miniatura”), “hebdômadadas” (sucessão de sete dias, semanas, anos ou décadas) e “ovo primitivo” (em certas mitologias, ente que teria dado origem ao universo vivo). A palavra “hebdômadadas” indica, portanto, repetidos ciclos cronológicos em que se alternam degenerescência e renovação, morte e vida, expansão e regressão – ao fim e ao cabo, o carbono sempre retorna a seu estado de “ovo primitivo” e “sua tendência obscura de ser vivo”, de entrar na composição da matéria de novos seres vivos. “Palimpsestos”, por tal razão, vem sugerir que os seres humanos são fisicamente resultantes de camadas formadas de átomos e moléculas alheios que, em tempos passados, pertenceram a seres vivos de outrora (animais ou vegetais), e no futuro integrarão a constituição de outros organismos, em ciclos também perpétuos. Esses termos oferecem uma visão científica e erudita dos ciclos que regem a existência dos

seres vivos, do fato de que a morte e a decomposição são o ponto de partida e de chegada de um ciclo que se repete infinitamente.

Também se inscrevem nesse contexto de erudição e ciência certos termos de origem estrangeira, como no caso das palavras “queda” (proveniente do espanhol, significa “calada”) e “atra” (originária do italiano, significa “negra, atroz, cruel”). Assim, o uso de termos estrangeiros, técnicos ou científicos – provavelmente desconhecidos pelo leitor comum – provoca um efeito de estranhamento que vem se agregar à perspectiva de incômodo existencial que se manifesta no plano semântico. A sinestesia simbolista (“seda”: tato; “azedada”: paladar; “cega”: visão; “porco”: olfato; “protestos”: audição) vem acrescentar uma sensação de inteira imersão do ser humano nesse universo de projeções negativas. Por outro lado, tais palavras têm, para além da função semântica, uma função sonora bastante precisa, como analisaremos nas páginas abaixo. De forma complementar, Fernando Furtado (2008) afirma que o enfeixamento heterogêneo de termos coloquiais, científicos, eruditos e filosóficos provoca um forte efeito de estranhamento e uma tensão expressiva que lançam o leitor num plano de desconforto – o qual será reforçado pelos rebuscados efeitos sonoros de uma musicalidade intensamente antipoética.

#### **4 A antipoesia musical: ritmo, vocabulário, cacofonias**

No que diz respeito à musicalidade expressiva, Cavalcanti Proença (1976, p. 90) afirma que Augusto dos Anjos, “[p]oeta auditivo, muito auditivo, utilizou de modo virtuosístico as combinações vocálicas, as sucessões de consonâncias iguais ou homorgânicas, uniformes ou variadamente opostas em simetria”. No poema em tela, observa-se uma musicalidade desconcertante que se materializa por meio de palavras de abstrusa pronúncia, tais como os vocábulos ou sintagmas aliterantes em si mesmos que são “palimpsestos”, “microcosmos” ou “hebdômadas medonhas”. Observe-se, igualmente, o efeito provocado pela justaposição e recorrência impronunciáveis da vogal “a” em “E atira-a à arca ancestral” (quatro ocorrências isofônicas consecutivas da vogal “a”, logo seguidas de mais três outras!), ou os entrechoques vocálicos que se veem em “É noite, e, à noite, a escândalos”. Por outro lado, a assonância exerce fundamental papel expressivo, como no caso da vogal “o” que se reitera em “ao microcosmos do ovo primitivo”, com ênfase no entrechoque vocálico que se vê em “do *Revista Literatura em Debate*, v. 5, n. 9, p. 155-166, ago.-dez., 2011. Recebido em 18 out.; aceito em 19 dez. 2011.

ovo”, cuja tonicidade silábica impede a elisão e lança o poema nos limites resvaladiços da contravenção às normas eufônicas então em vigor.

Também dificultam a leitura o entrecocar de consoantes que se vê em profusão em todos os versos do poema em tela, dos encontros consonantais (sg, sc, rc, str, mps, st, nst, nq, rj, lm, bd, cr, fr etc. – estatisticamente pouco frequentes no registro coloquial da língua portuguesa, são recorrentes no poema em análise) aos dígrafos consonantais (ss, rr, qu etc.); aos quais vêm se acrescentar os dígrafos vocálicos (an, im, in, em, um, on etc.). A cacofonia resultante dessa antimusicalidade é ainda reforçada pelo efeito de gaguejo ou de trava-língua que tais aliteraões, encontros consonantais, dígrafos, assonâncias ou encontros vocálicos promovem. Por outro lado, a leitura dos versos é assimetricamente fragmentada pela cadência irregular de vírgulas e pela forte recorrência de consoantes plosivas (por exemplo, “Sem **que te arranquem da garganta queda**”), efeito acentuado pela fricativa uvular /ʁ/.

O efeito de estranhamento negativo é reforçado pela forte recorrência de vogais fechadas e nasais (ou nasalizadas, por contiguidade com consoantes nasais), como nos vocábulos “humano”, “medonhas”, “tendência”, cujas sonoridades nasais provocam uma sensação de melancolia e tristeza, como se o poema explorasse os meandros da motivação do signo. *En passant*, note-se que Saussure, naquele 1912, ainda não havia promulgado sua fundadora lei do signo arbitrário, amplamente endossada pelos linguistas do Século XX e parcialmente revogada pelo próprio linguista suíço em seu estudo – infelizmente inconcluso – sobre os anagramas (STAROBINSKI, 1971): ignorando que o signo jamais poderia ser motivado, Augusto dos Anjos desempenhou-se da árdua tarefa e fez de seu poema fora-da-lei uma obra marcada pela motivação do signo, pela relação intrínseca entre o nome e a coisa.

Na mesma perspectiva, em paralelo à justaposição de vogais e consoantes consecutivas, a forte recorrência de consoantes fricativas (/s/, /z/, /ʒ/, /v/) e nasais (/m/, /n/, /ɲ/), assim como a de vocábulos tetra e pentassílabos (“escândalos” e “horriavelmente”, por exemplo), alongam a leitura dos versos e mergulham o leitor numa atmosfera em que o tempo, os entes e os fatos se arrastam com num longo pesadelo, provocando tensões expressivas e uma sensação de desconforto e angústia. A diérese em “palimpsestos”, “hebdômadás” ou “obscuras”, assim como a forte recorrência do plural (e sua fricativa /s/), contribuem para alongar o tempo de leitura. Essas

sonoridades tornam-se ásperas por interposição da fricativa uvular /ʁ/ (recorrente em início de verso ou em sílabas tônicas) e de plosivas reiteradas, resultando numa musicalidade dissonante, para retomarmos aqui uma definição de “dissonância” proposta por Jean-Jacques Soleil e Guy Lelong e citada por Henrique Duarte Neto (2000, p. 157-158) em seu estudo sobre Augusto dos Anjos: “intervalo ou acorde que, segundo as convenções de um período histórico e de uma cultura musical dados, estabelece com os sons vizinhos uma relação considerada ‘ilógica’ (desestabilização harmônica) e determina um efeito de tensão auditiva”. Assim, esse poema musical destoa, absona ou dissona dos hábitos auditivos assentes pela poesia até então praticada, abrindo novas e inéditas possibilidades de expressão poética, novos espaços de modernidade.

O poema provoca desagradáveis tensões expressivas também por meio de ideias negativas, como no caso do significado de “restos”, “incestos”, “danada”, “porco”, “medonhas”, “terrivelmente”, “cega”, “refrega” e “azedada”, ou ainda na própria negatividade restritiva de “um”, “sem” ou “somente”, ou mesmo no valor regressivo/reduutivo/fragmentador de “rasga”, “atira”, “arranquem”, “reduzirá”, “primitivo”, “tendência”. Vale ainda ressaltar a força negativamente expressiva do efeito causado sobre o leitor/ouvinte pelo emprego da função imperativa em “rasga” e “atira”. No caso de “hás de”, o verbo auxiliar no presente do indicativo indica uma situação não optativa a que deverá se submeter o interlocutor/narratário, sem alternativa de recusa – semanticamente, o presente do indicativo assume aqui valor de imperativo: “hás de comer” equivale a “comerás”, nos moldes do futuro com valor de imperativo que se vê, por exemplo, no decálogo cristão: “não matarás...”. Ora, tal imperativo revela-se fortemente expressivo no que tange à produção de efeitos de intensa negatividade sobre o público, pois, em situação de leitura, o leitor identifica-se com o narratário do poema e toma a si a desagradável sensação de ser rebaixado a depositário de um comando expresso por um narrador hierarquicamente superior – relação que se constrói por intermédio desse imperativo.

Por outro lado, o leitor defronta-se reiteradamente com palavras que desestabilizam seu horizonte de expectativa, como é o caso do vocábulo espanhol “queda”, cujo /e/ fechado é violentamente induzido pela necessária rima com “seda”, trazendo forte desconcerto a um leitor que, pensando encontrar-se diante de um

cacógrafo, logo se sentirá deslocado também pelo provável desconhecimento quanto ao sentido do vocábulo estrangeiro. O efeito é reforçado pela repetição sequencial de um mesmo vocábulo (sem flexão desinencial ou semântica, sem enjambement ou distribuição em versos espaçados entre si) no hemistíquio “É noite, e, à noite”, repetição que é formalmente desaconselhada pelos princípios da estética parnasiana então em vigor – ainda que tal recurso poético sirva para reforçar a impressão de reiteração cíclica que se espalha por todo o poema, causando a sensação de que “noite após noite”, sem exceção possível, o ser humano é inexoravelmente conduzido às práticas e eventos decorrentes de sua natureza animalesca. Ou, pelo mesmo viés, são igualmente índices de ciclos que se repetem os cinco (!) versos desse soneto que se iniciam com o monossílabo vocálico “e”/“é”, em franca inobservância aos preceitos poéticos então em vigência.

Nessa perspectiva, Henrique Duarte Neto (2000) afirma que a aspereza sonora e semântica da linguagem cria uma forma inédita de antimelodia e antipoesia que se articula com outros aspectos que geram dissonâncias no âmbito da poesia augustiana: a justaposição do científico com o prosaico, da erudição com imagens comezinhas, de rimas imperfeitas com versos canônicos, de visadas filosóficas com tiradas escatológicas, do rigor formal com estrofes tematicamente desconexas (à primeira leitura). Assim, o poema constrói uma espécie de “antipoesia”, tanto no plano sonoro quanto no plano semântico. Nesse contexto, Duarte Neto (2000, p. 172) retoma certas ideias desenvolvidas por Wilson Castelo Branco e afirma que tais “versos ásperos” privilegiam a harmonia em detrimento da melodia, alcançando “amplitudes de orquestração e ressonâncias que impressionam, incomodam e perduram”.

Esse poema ilustra uma concepção poética de vanguarda que expande os cânones estéticos no primeiro quartel do Século XX, abrindo e consolidando espaço para o advento do Modernismo: o horrendo, o grotesco e o dissonante ascendem ao estatuto de objetos de fruição sensível – como se verá ulteriormente, em distintos graus de atualização, em Villa-Lobos, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Graciliano Ramos, Ferreira Gullar, Guimarães Rosa ou mesmo Glauber Rocha, entre tantos outros exemplos possíveis. Em sua materialidade sonora e semântica, essa estética da dissonância, para além de representar uma característica essencial do período moderno, é perfeitamente adequada para recriar poeticamente a sensação de desconforto que decorre da humana impossibilidade de desvendamento dos enigmas da existência –

sobretudo essa inabalável “tendência obscura de ser vivo”, que o poema ilustra com vigor e propriedade.

## 5 Considerações finais

Augusto dos Anjos é um dos poetas brasileiros que mais contribuíram para alargar os então estreitos limites dos preceitos estéticos e do cânone literário nas primeiras décadas do Século XX. Em sua obra, a expressividade musical da linguagem é habilmente explorada para mimetizar e/ou sugerir sensações negativas tais como a de angústia, desconforto existencial, incômodo espacial e inadequação temporal – por esse viés, sua poesia realiza a convergência entre o nome e a coisa, o som e a expressão sugestiva, o significante e o significado, entre o signo e sua motivação. Para além dos aspectos semânticos de um léxico cuidadosamente escolhido, essa antipoesia emana da hábil articulação das tensões produzidas no sistema fonador, ilustrando a célebre máxima de Protágoras (487-420 a.C.): “O homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são.” De tal articulação proviria, eventualmente, a motivação de certos signos linguísticos tal como se materializam na língua portuguesa sutilmente manejada pelo inclassificável Augusto dos Anjos, ponta de lança da mais inovadora vanguarda poética brasileira.

Tais aspectos do poema “A um mascarado” podem ser produtivamente levados à sala de aula, no intuito de estimular, por parte do jovem aprendiz, a curiosidade e a reflexão sobre a linguagem (mas também sua consciência sobre a vã condição humana). Naturalmente, também a estilística recebe lugar de destaque em tais atividades, ascendendo a uma posição que lhe é honrosamente atribuída em países com forte tradição em estudos linguísticos e literários, tais como a França, a Suíça, a Alemanha e a Bélgica. Como se viu no presente estudo, a estilística (em sua vertente fônica, mas também em suas variantes léxica, morfológica e sintática) é de fundamental importância para a decodificação de aspectos intrínsecos ao texto literário, e pode contribuir para o aprendizado do idioma pátrio – e, eventualmente, pode também estimular o prazer da leitura e o surgimento de novos talentos artísticos em sala de aula.

**ABSTRACT:** Aimed to subsidize teachers while working on poetry within the classroom, this paper is focused on the expressive musicality and the stylistic aspects of

*Revista Literatura em Debate*, v. 5, n. 9, p. 155-166, ago.-dez., 2011. Recebido em 18 out.; aceito em 19 dez. 2011.

Augusto dos Anjos “anti-poetry”. In the whole ensemble of a poetic work whose main subjects flirt with the figure of death and thematize the organic material decomposition of living beings, the poem “A um mascarado” unfold musical writing techniques that could demonstrate the motivation of signs, at least through this language finely managed by an author that brings forth many literary trends in his poetic work. In the classroom, the reading of such a poem allows to lead students towards the enjoyment of decoding poetic enigmas as well as exploring the language intangible edges, as far as the aesthetic expressivity of Portuguese language (mainly through its Brazilian variant) is concerned. This paper revisits, extends, and illustrates ideas proposed by the main critical readings on Augusto dos Anjos poetry.

**KEYWORDS:** Augusto dos Anjos; motivated sign; anti-poetry and vanguards.

## Referências

BUENO, Alexei (Org.). **Augusto dos Anjos**. Obra Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Contribuição à estilística portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

DUARTE NETO, Henrique. A poesia dissonante de Augusto dos Anjos. In: **Anuário de Literatura**. N. 8. Florianópolis, UFSC, 2000, p. 157-180. Disponível em: [www.journal.ufsc.br/index.php/literatura/article/download/5430/4847](http://www.journal.ufsc.br/index.php/literatura/article/download/5430/4847). Acessado em 02 de maio de 2011.

FURTADO, Fernando Fábio Fiorese. Quando o corpo transforma o *corpus*: sobre as (des)figurações do corpo na poesia de Augusto dos Anjos. **XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC**. Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo, julho de 2008. Disponível em: [http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/014/FERNANDO\\_O\\_FURTADO.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/014/FERNANDO_O_FURTADO.pdf). Acessado em 28 de abril de 2011.

GUIMARÃES, Denise A. D.. Considerações preliminares a um estudo da motivação poética. In: **Revista Letras**. V. 36. Curitiba, UFPR, 1987, p. 112-116. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/19256/12545>. Acessado em 02 de maio de 2011.

HELENA, Lúcia. **A cosmoagonia de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

LIMA, Neilton Limeira Florentino de. **Diálogo poético entre Antero de Quental e Augusto dos Anjos: a modernidade luso-brasileira**. Dissertação de Mestrado (Letras). Recife: UFPE, 2007. Disponível em: [http://www.pgletras.com.br/2007/dissertacoes/diss\\_neilton\\_limeira.pdf](http://www.pgletras.com.br/2007/dissertacoes/diss_neilton_limeira.pdf). Acessado em 28 de abril de 2011.

*Revista Literatura em Debate*, v. 5, n. 9, p. 155-166, ago.-dez., 2011. Recebido em 18 out.; aceito em 19 dez. 2011.

MACEDO, Anne Greice Soares Ribeiro. **Eu, operário da ruína**: as interseções entre arte, doença e morte em Augusto dos Anjos. Dissertação de Mestrado (Letras). Salvador, UFBA, 2006. Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1374](http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1374). Acessado em 28 de abril de 2011.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Manual de Estilística**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.  
PORTO, Paulo Alves. Augusto dos Anjos: ciência e poesia. In: **Química nova na escola**. N. 11, Maio 2000, p. 30-34. São Paulo: Sociedade Brasileira de Química. Disponível em: <http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc11/v11a07.pdf>. Acessado em 19 de outubro de 2010.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. **Augusto dos Anjos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

RUBERT, Nara Marley Aléssio. O lugar de Augusto dos Anjos na poesia brasileira. In: **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**. V. 3, N. 2, Julho/Dezembro de 2007, p. 1-10. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/viewFile/5088/2903>. Acessado em 28 de outubro de 2010.

SÁ, Lucia. Perdõem, mas eu acho graça: o grotesco na poesia de Augusto dos Anjos. In: **Ellipsis**. V. 5, 2007, p. 25-40. Princeton: Princeton University. Disponível em: [http://www.ellipsis-apsa.com/Volume\\_5-Sa\\_files/Sa\\_ellipsis\\_5\\_2007.pdf](http://www.ellipsis-apsa.com/Volume_5-Sa_files/Sa_ellipsis_5_2007.pdf). Acessado em 28 de abril de 2011.

STAROBINSKI, Jean. **As palavras sob as palavras**: os anagramas de Ferdinand Saussure. Trad. Carlos Vogt. São Paulo: Perspectiva, 1971.